

### *Aforismos\* do professor*

*para servirem de prolegómenos à sua obra e de base eterna à ciência*

- I O universo não é nada sem a vida, e tudo o que vive se alimenta.
- II Os animais alimentam-se, o homem come; só o homem de espírito sabe comer.
- III O destino das nações depende da maneira como elas se alimentam.
- IV Diz-me o que comes, dir-te-ei quem és.
- V O Criador, ao obrigar o homem a comer para viver, convida-o com o apetite, e recompensa-o com o prazer.
- VI A gastronomia é um acto do nosso juízo, pelo qual damos preferência às coisas que são agradáveis ao paladar em relação àquelas que não têm essa qualidade.
- VII O prazer da mesa é de todas as idades, de todas as condições, de todos os países e de todos os dias; pode ser associado a todos os outros prazeres, e permanece como o último, para nos consolar da sua perda.
- VIII A mesa é o único sítio onde ninguém se aborrece durante a primeira hora.
- IX A descoberta de um manjar novo faz mais pela felicidade do género humano do que a descoberta de uma estrela.
- X Aqueles que têm uma indigestão ou que se embriagam não sabem nem beber nem comer.
- XI A ordem correcta dos pratos deve ser dos mais substanciais para os mais leves.

\* Balzac, que admirava muito Brillat-Savarin, sublinha que «estas máximas estão tão bem formuladas que muitas delas tornaram-se logo provérbios para os gastrónomos». Baudelaire, por seu lado, fala de «máximas de uma tagarelice tola e pedante».

- XII A ordem das bebidas deve ser das mais leves para as mais capitosas e para as mais perfumadas.
- XIII Afirmar que não se deve mudar de vinhos é uma heresia. O paladar satura-se e, depois do terceiro copo, mesmo o melhor dos vinhos só consegue despertar uma sensação obtusa.
- XIV Uma sobremesa sem queijo é como uma mulher bela a quem falta um olho.
- XV Tornamo-nos cozinheiros, mas nascemos assadores.
- XVI A qualidade mais indispensável do cozinheiro é a pontualidade, que deve ser também a do convidado.
- XVII Esperar demasiado por um conviva retardatário é uma falta de respeito para com todos os que estão presentes.
- XVIII Aquele que, ao receber os amigos, não se preocupa pessoalmente com a refeição que lhes está a ser preparada, não é digno de ter amigos.
- XIX A dona da casa deve assegurar-se de que o café é excelente; e o dono deve certificar-se de que os licores são de primeira qualidade.
- XX Receber bem alguém é encarregar-mo-nos da sua felicidade durante todo o tempo que estiver debaixo do nosso tecto.

*Estes apotegmas são seguidos por um diálogo durante o qual o autor se deixa convencer por um amigo a mandar imprimir as suas Meditações Gastronómicas. Brillat-Savarin faz-se um pouco rogado, mas o seu interlocutor convince-o sem custo, ao assegurar-lhe que «os gastrónomos vão lê-lo porque ele lhes presta justiça e lhes atribui, enfim, a importância que devem ter na sociedade».*

## Prefácio

Para oferecer ao público a obra que ponho à disposição da sua benevolência, não me impus um grande trabalho, e não fiz mais do que pôr em ordem materiais há muito tempo recolhidos. Foi uma ocupação divertida que tinha reservado para a minha velhice.

Ao considerar o prazer da mesa sob todos os seus aspectos, cedo me dei conta de que, neste ponto, havia coisa melhor a fazer do que livros de cozinha, e que havia muito a dizer sobre funções tão essenciais, tão contínuas, e que têm de uma maneira tão directa influência, na saúde, na felicidade e até mesmo nos negócios.

Uma vez estabelecida esta ideia-mãe, tudo o resto surgiu naturalmente: olhei à minha volta, tomei notas e, muitas vezes, no meio dos festins mais sumptuosos, o prazer de observar salvou-me do tédio das conversas.

Para cumprir a tarefa em que me envolvi, precisei de ser físico, químico, fisiólogo, e até um pouco erudito. Mas fiz estes estudos sem a menor pretensão de vir a ser autor; sentia-me empurrado por uma louvável curiosidade, pelo receio de ficar atrás dos progressos do meu século e pelo desejo de poder conversar, sem estar em desvantagem com os homens da ciência, com os quais sempre gostei de estar.

*Aqui, Brillat-Savarin aproveita esta alusão à sua introdução no mundo dos cientistas para se situar a si próprio como um homem de ciência, ao invocar uma das suas invenções: o «borrifador», «que não é mais do que um modo de compressão, destinado a perfumar os apartamentos»; trata-se, de certa forma, do antepassado das nossas bombas desodorizantes...*

Ao pensar, algumas vezes, nas graves elucubrações para as quais a vastidão do meu tema me arrastou, tive sinceramente receio de ter podi-

do aborrecer, porque, também eu, algumas vezes, tenho bocejado com as obras de outros.

Fiz tudo o que estava ao meu alcance para escapar a essa censura, limitando-se apenas a aflorar todos os assuntos que podiam ser menos interessantes. Espalhei no meu livro histórias engraçadas, algumas em resultado de experiências pessoais; omiti um grande número de factos extraordinários e singulares, que uma crítica íntegra não aceitaria; mas procurei despertar a atenção para certos conhecimentos que parecem reservados aos entendidos tornando-os claros e populares. Se, apesar de tantos esforços, não consegui apresentar aos meus leitores uma ciência fácil de digerir, ainda assim dormirei tranquilo, porque tenho a certeza de que a intenção basta para que a grande maioria me absolva.

Haverá ainda quem me censure porque, por vezes, corro demasiado ao sabor da pena, e porque, quando conto, caio um pouco na conversa fiada. Terei culpa de já ser velho? E terei culpa de ser como Ulisses, que viu os hábitos e as cidades de muitos povos? Mereço que me censurem por falar um pouco da minha biografia? Enfim, o leitor deve ter em consideração que lhe estou a oferecer as minhas *Memórias políticas*, que deve lê-las como tantas outras, visto que estou há trinta e seis anos nos camarotes da frente a ver passar os homens e os acontecimentos\*.

Falta-me dizer qualquer coisa sobre o meu estilo, porque *o estilo é o homem*, dizia Buffon.

E não creiam que venho pedir uma graça que nunca se concede àqueles que dela necessitam; trata-se aqui de uma simples explicação.

Eu deveria escrever maravilhosamente bem, porque Voltaire, Jean-Jacques, Fénelon, Buffon e, mais tarde, Cochin e Aguesseau, foram os meus autores favoritos; sei-os de cor.

Mas talvez os deuses tenham decidido de outra maneira. E, se assim for, aqui está o motivo da vontade dos deuses.

Conheço, mais ou menos bem, cinco línguas vivas, o que me deu um repertório imenso de palavras de todos os campos.

\* Advogado em Belley, a sua cidade natal, Brillat-Savarin foi deputado à Assembleia Constituinte; depois, durante o Consulado, foi conselheiro no Supremo Tribunal de Justiça. As revoluções políticas que, como diz, «nunca perturbaram as suas digestões», não o impediram de conservar, sob todos os regimes, o seu cargo no Supremo Tribunal. Estas funções, juntamente com a sua reputação de ser uma boa companhia e os seus conhecimentos, nos domínios mais variados, permitiram-lhe gozar da estima de homens bem colocados que havia então em Paris e de se relacionar com eles.

Quando tenho necessidade de uma expressão, e não a encontro no compartimento francês, vou buscá-la ao compartimento da língua vizinha; daí, a necessidade que o leitor tem de traduzir ou de adivinhar o que quero dizer: é esta a sua sina.

Poderia ter procedido de outra maneira, mas fui impedido de o fazer devido a um espírito de sistematização ao qual me apego firmemente.

Estou intimamente convencido de que a língua francesa, de que me sirvo, é comparativamente pobre. Neste caso, o que fazer? Pedir emprestado ou roubar.

Faço tanto uma coisa como outra, porque estes empréstimos não estão sujeitos a restituição, e o roubo de palavras não é punido pelo código penal.

Poderão ter uma ideia da minha audácia, se souberem que chamo *vo-lante* (do espanhol) a qualquer homem que mando fazer um recado; e que me dispunha a afrancesar o verbo inglês *to sip*, que significa *beber em pequenos goles*, se não tivesse desenterrado a palavra francesa *siro-ter*, à qual se dá, mais ou menos, o mesmo significado.

Estou a contar que os puristas vão clamar por Bossuet, por Fénelon, por Racine, por Boileau, por Pascal, e por outros autores do século de Luís XIV; parece-me já estar a ouvi-los a fazer um tremendo alarido.

Calmamente, responder-lhes-ei que estou muito longe de não reconhecer o mérito desses autores que referi, assim como de outros que não mencionei; mas o que se retira daí?... Nada, a não ser reconhecer que, tendo feito coisas tão boas com um instrumento ingrato, teriam incomparavelmente feito melhor com um instrumento de qualidade superior. É por isso que se deve supor que Tartini teria sido certamente um violinista muito melhor, se tivesse tido um arco tão longo como o de Baillot.

Pertença, pois, ao partido dos *neólogos*, e até mesmo dos *românticos*; estes descobrem tesouros escondidos; os outros são como navegadores que vão procurar bem longe as provisões de que têm necessidade.

Neste campo, os povos do Norte, e sobretudo os ingleses, têm sobre nós uma imensa vantagem: o génio nunca foi prejudicado pela expressão, porque a cria ou a pede emprestada, sempre que necessita dela. É por não serem capazes de fazer isso que, em todos os assuntos que exigem profundidade e energia, os nossos tradutores só nos dão cópias pálidas e descoloridas.

Há uns anos, ouvi no Instituto um discurso muito interessante sobre o perigo do neologismo e sobre a necessidade de se manter a nossa língua, tal como ela foi fixada pelos autores do grande século.